

Só lembranças do passado nos Barris

Foto: Carlos Casas

A vida já não é a mesma do passado, quando as famílias mais ricas que queriam ficar perto do centro procuravam os Barris para morar. O bairro ainda guarda aspectos tranquilos, mas os problemas urbanos modernos já se instalaram e a falta de segurança representa um problema. Moradores antigos falam com saudade da época em que todos se conheciam e lembram, entre as pessoas famosas que habitaram nos Barris, o imortal cineasta Glauber Rocha.

Ivana Braga

Encravado no coração de Salvador, o bairro dos Barris, apesar das transformações que sofreu ao longo da sua história, tenta resistir às interferências externas e especulação imobiliária, mantendo a tranquilidade de um bairro residencial. Nos Barris viviam famílias abastadas do início do século, fazendeiros e muitos estrangeiros que escolheram morar num bairro central, com características de cidade do interior.

Antigos casarões são testemunhas dos tempos de opulência, no qual os grandes fazendeiros esbanjavam dinheiro. "Esta praça foi construída pelos fazendeiros que moravam aqui", atesta o espanhol Avelino Barreiro, 70 anos, 40 dos quais residindo nos Barris, referindo-se à Praça Coelho Neto. É dele também a informação de que a Rua Conselheiro Spínola era área de pastagem pertencente a uma fazenda, onde a antiga guarda municipal mantinha o destacamento de polícia montada.

Bons tempos aquele, lembra saudoso o espanhol Avelino. Mas toda essa história não encontra registro em nenhum órgão oficial. Visitas aos arquivos públicos, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Gabinete Português de Leitura e até à Secretaria do Planejamento da prefeitura resultaram numa busca inútil. A história dos Barris está registrada apenas na memória das pes-

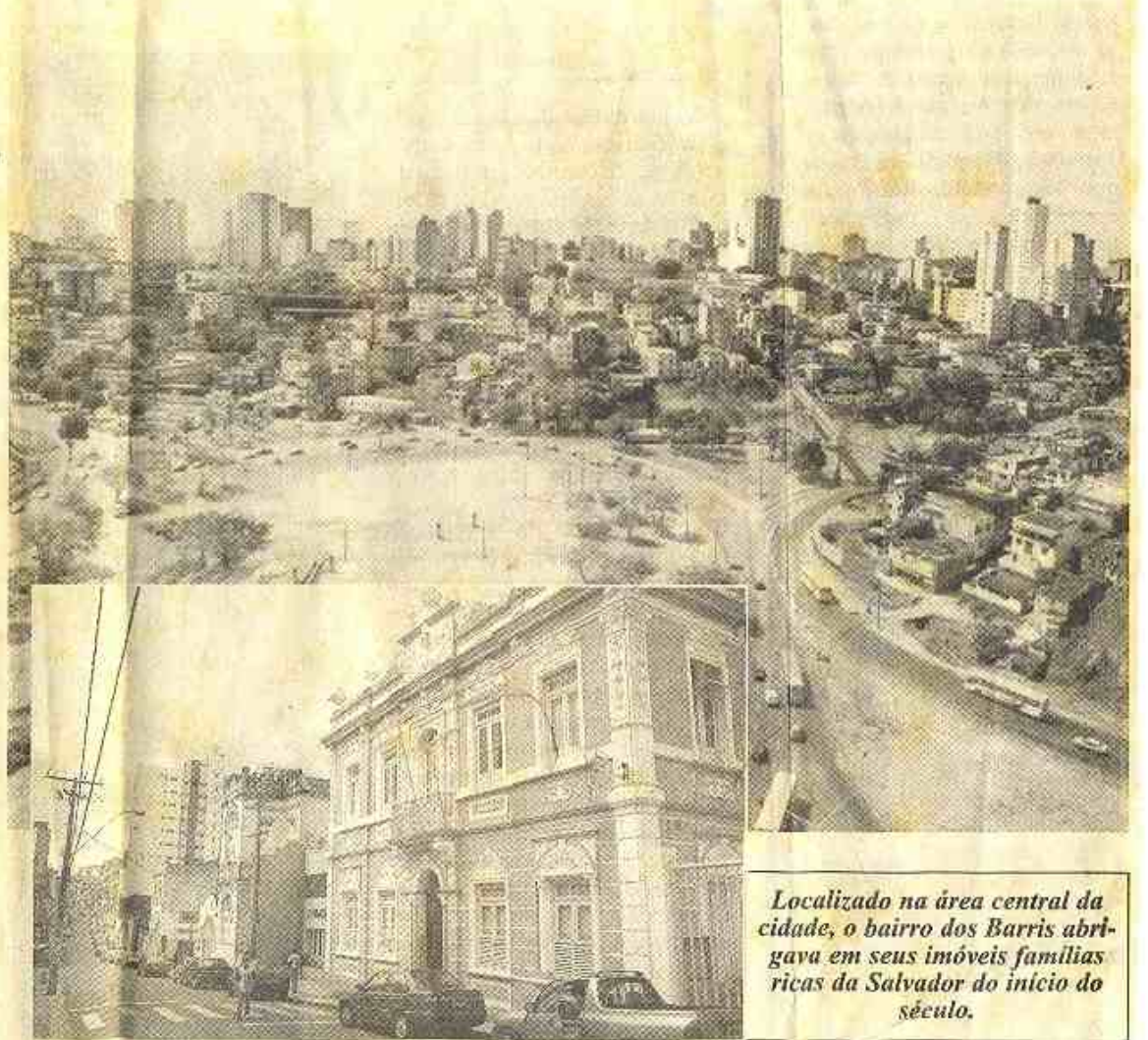
soas. Memória que começa a se perder, com a mudança dos moradores mais antigos para outros bairros, menos tranquilos, mas que oferecem confortos modernos.

Perfeitamente lúcida aos 90 anos e morando nos Barris desde 1948, Irmã Rocha, do Colégio Nossa Senhora da Salete, lembra do tempo em que os proprietários do grupo Aliança moravam no velho casarão hoje ocupado pela Faculdade Visconde de Cairu. Era o tempo em que o bonde vindo da Praça da Sé passava na porta do colégio e terminava sua viagem na Rua Rockefeller.

Estrangeiros

Na lembrança de Irmã Rocha, os antigos casarões começaram a abrir espaço para os edifícios no final da década de 50, início da de 60. "Aqui tudo era casa. Os Barris eram um bairro residencial, onde se podia transitar com segurança e calma".

É dela a informação de que o Salete, instalado no bairro há 140 anos, era a escola predileta da nobreza de Salvador. Avelino Barreiro também recorda desse tempo. Num passeio pelas ruas dos Barris, ele aponta as casas e identifica os antigos moradores. Todos ilustres, que deixaram o bairro a partir do crescimento da violência. "Ali, naquele sobrado verde de esquina, morava doutor Péricles, médico da Saúde Pública. Naquela outra casa vivia um advogado", con-



Localizado na área central da cidade, o bairro dos Barris abrigava em seus imóveis famílias ricas da Salvador do início do século.

versa, animado, o espanhol.

O bairro, segundo Avelino Barreiro, sempre atraiu estrangeiros. Alemães, árabes, portugueses, espanhóis revelavam uma certa predileção pelas ruas tranquilas e arborizadas dos Barris.

Cinema, comércio e biblioteca

Por ser central, o bairro dos Barris oferece uma gama de facilidades a seus moradores, que não precisam se afastar muito para atender suas necessidades. Além de dois

grandes shoppings – Lapa e Piedade –, uma rede de pequenas boutiques, padarias, supermercados e lanchonetes permite uma vida cômoda no que se refere a compras.

O bairro abriga a principal biblioteca da cidade, onde funcionam também a Sala Walter da Silveira, de cinema, e o Espaço Xis, para shows. Orgulhosos, os moradores citam as escolas Góes Calmon e o Salete, além da Faculdade Visconde de Cayru, como troféus da educação e cultura. Também gostam de lembrar que no antigo sobrado da esquina das ruas General Labatut e Comendador Gomes da Costa gostava de se hospedar, nos anos 40, o presidente Getúlio Vargas quando visitava Salvador.

Outro fato gravado na memória dos mais antigos é a passagem da família de Glauber Rocha pelo bairro. No número 14 da General Labatut, principal rua do bairro, funcionava a pensão de dona Lúcia, mãe de Glauber, onde morou o cineasta e sua irmã Aneci. Parte do casarão em ruínas desabou em 1996 e se aguarda o cumprimento a promessa de recuperação da casa de Glauber", feita na época pelas autoridades.

Lapa acelerou mudanças

Os casarões dos Barris onde residiam muitas famílias abastadas de Salvador deram espaço à instalação de clínicas, escolas, sedes de sindicatos, empresas, boutiques e escritórios. Antes eminentemente residencial, o bairro começou a dividir suas ruas com o comércio a partir da década de 60, quando as famílias começaram a mudar para bairros mais nobres, como a Vitória.

As maiores transformações se deram a partir da instalação dos shoppings Piedade e Lapa e da própria Estação da Lapa, esta há pouco menos de 20 anos. Foi nesta época, segundo registro de Antônia Sampaio e Silva, 70 anos, moradora da Praça Rockefeller há 28 anos, que o bairro começou a perder sua vizinhança e tranquilidade. "Hoje não conhecemos mais ninguém. Um ou outro morador antigo ainda permanece", ressalta dona Antônia. Uma das poucas amigas de Antônia Sampaio que ainda resistem, morando na Rua Rockefeller, é Janete Cardoso e Silva.

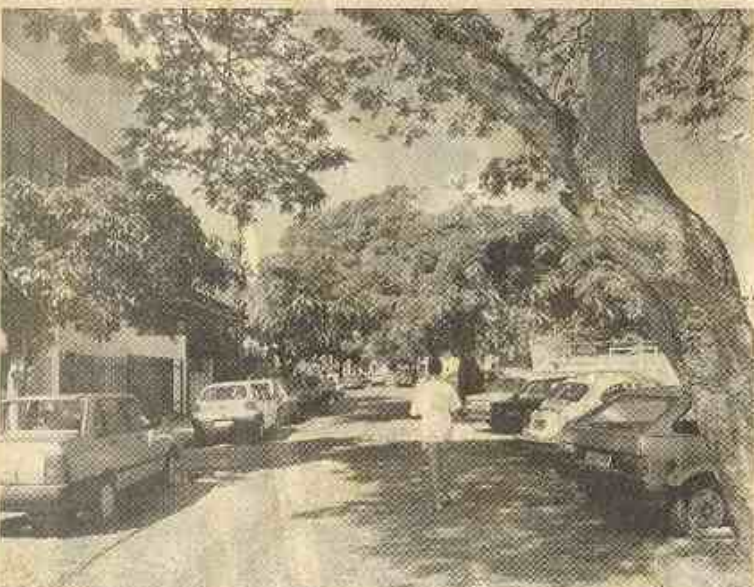
As duas reclamam da falta de transporte depois da implantação da Estação da Lapa, que obriga todos os moradores a deslocamentos longos. "O problema é que, depois da Lapa e dos shoppings, perdemos a segurança. Já sofri algumas tentativas de assalto", revela Janete. A opinião delas é compartilhada por Rosa Souza dos Santos, 61 anos. Ela se

mudou para a Rua Coronel Maurino em 1960 e acompanhou as transformações dos Barris.

Antigamente, lembra ela, os moradores transitavam com segurança. "Hoje está tudo mudado. O comércio é vítima de arrombamentos, os estudantes das escolas são assaltados em plena luz do dia e tem muito maconheiro que sai de outros bairros para perturbar nossa paz". O espanhol Avelino Barreiro Barreiro concorda em que os moradores continuam sendo pessoas pacatas e que o bairro ficou perigoso devido à ação de "malandros", que saem de bairros adjacentes, a exemplo do Tororó. "Se não fosse isso, aqui continuaria sendo o paraíso.

Assalto e seqüestro

Apesar das queixas, poucos admitem se mudar, mas pedem socorro policial. Essa é a maior carência identificada pelos moradores. "A polícia que tem aqui é tributária", diz dona Rosa, para quem a proximidade com a Secretaria da Segurança Pública e o complexo de delegacias dos Barris não inibe a ação dos marginais. Quem sofreu na pele esta ação foi o jornalista José Sinal, que há oito anos trabalha na sede do Sindac. Ele foi assaltado, seqüestrado e por pouco não morreu. "A violência urbana alcançou este bairro, antes muito calmo", lamentou.



Ruas arborizadas ainda transmitem um clima de tranquilidade